

Retórica Política e a Lacuna entre as Políticas e a Prática



Raymond Kendall

*Secretário Geral Honorário da Interpol
Conselheiro Sênior do ICOS*

Acho que eu gostaria de ser um pouco provocativo, pois escutei com muita atenção todas as observações dos palestrantes durante as sessões, incluindo as dos Ministros, e acredito que as pessoas encarregadas da execução das leis que estão presentes, compreenderão que existe uma grande diferença entre a teoria e a prática. É possível que antes do final da reunião comecemos a ter idéias sobre a prática.

O Ministro da Justiça mencionou anteriormente a Sessão Especial das Nações Unidas de 1998. A propósito, eu participei e discursi nessa assembléia, e isto me leva a pensar que, às vezes, demoramos muito tempo para aprender com nossas experiências pessoais, particularmente em relação ao problema das drogas ilícitas. Há muito tempo, em 1993, um professor da Yale disse: “As drogas ilícitas têm algo muito especial. Se elas não fazem que o usuário da droga se comporte sempre irracionalmente, com certeza, elas fazem que muitos não-usuários se comportem dessa maneira”. “E, durante as numerosas declarações que escutei durante muitos anos, fiquei especialmente frustrado com o número de vezes que escutei as mesmas opiniões e as mesmas coisas estavam sendo ditas. Eu posso contar para vocês que quando a Comissão de Drogas Narcóticas se reunia, da qual comecei a participar nos



anos 70, eu quase conseguia escrever a ata antes que reunião começasse. Havia muita retórica, principalmente retórica política, porém, pouquíssima ação.

Na Sessão Especial das Nações Unidas de 1998, houve um claro reconhecimento do problema. A declaração política dizia que: “As drogas destroem vidas e comunidades, minam desenvolvimentos humanos sustentáveis e geram crimes. As drogas afetam todos os setores das sociedades de todos os países. Especificamente, o abuso de drogas afeta a liberdade e o desenvolvimento dos jovens, o bem mais valioso do mundo. As drogas são uma ameaça perigosa para a saúde e o bem-estar da humanidade, a independência dos estados, a democracia, a estabilidade das nações, a estrutura de todas as sociedades e a dignidade e esperança de milhões de pessoas e de suas famílias”. Isto foi em 1998, então, hoje, ninguém pode dizer que não sabemos qual é o problema. Em minha curta estadia aqui no Brasil, eu pude ver claramente que o problema é reconhecido. Especificamente, a nova iniciativa brasileira do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI) é o mais claro reconhecimento que já vi da natureza multidisciplinar de como se deve abordar o problema das drogas.

Grande parte da preparação para a sessão especial de 1998 foi realizada no México. O México e outros estados latino-americanos foram os primeiros que realmente insistiram na idéia de equilibrar a redução da demanda com repressão com a execução das leis. Infelizmente, e isto é o que acontece com a pressão política, nessa reunião de 1998, tivemos a impressão de escutar o mesmo que foi dito em uma pergunta uma pergunta que fizeram na sessão anterior. Alguém disse que talvez o PRONASCI fosse o único que incentivava a despenalização, a legalização, e assim por diante. Tivemos a mesma impressão em 1998, especificamente por parte dos Estados Unidos. Então, novamente, insistiu-se mais ainda na execução das leis e muito menos na redução da demanda. Embora recentemente o equilíbrio tenha sido corrigido até certo ponto, vocês verão que na maioria dos países – e isto é aplicável em todos os nossos quatro continentes, incluindo a Europa – ainda há mais dinheiro investido na execução das leis do que na redução da demanda. Portanto, nós ainda não triunfamos.

O que eu gosto do programa PRONASCI é que ele tenta conseguir o equilíbrio agora mesmo. Agora, o programa e a maneira em que está apresentado são bons. Porém, o problema real é: ele pode ser executado? Há muitos problemas de orçamento e há o problema da vontade política. Porém, o que é muito importante, e não é mesmo uma crítica, mas sim um comentário: não é possível imaginar que um programa que pretende fazer tantas modificações diferentes no que, na verdade, é uma sociedade que existe há muitos anos ... como um programa como este pode ser limitado há três anos? Se alguém me dissesse: “Tentaremos fazer isto nos próximos trinta

anos”, eu diria “Bem, isto é razoável”. Mas três anos? E o orçamento certamente é um problema.

O problema que achamos na comunidade internacional (e peço desculpas aos meus amigos de nível político) é que os políticos têm uma extensão de tempo que está restringida à próxima eleição. Os políticos precisam ter muita coragem para adotar uma política que irá além desse cronograma. É possível que você não veja os resultados realmente grandes dos investimentos durante dez anos ou algo assim, especialmente no caso de algo como o PRONASCI. Então, nós ainda não chegamos a um acordo sobre a melhor maneira de lidar com o problema, mas eu acredito que o reconhecimento na apresentação do programa PRONASCI é o adequado.

Portanto, a dificuldade é, como Norine MacDonald do ICOS disse ontem, que você não pode ter segurança sem desenvolvimento. A segurança é um aspecto muito importante. Isto não está restringido ao Brasil, senão que é aplicável a todos os países do mundo inteiro. No momento, a situação dos subúrbios das nossas grandes cidades na Europa, e acho que a mesma coisa é aplicável no Brasil, é que existem certos territórios em que o estado não controla o que acontece lá. A polícia ocasionalmente penetra nestas zonas, com operações periódicas de dois dias, mas não existe uma permanência constante. Embora uma operação periódica pudesse ser eficaz até certo ponto, a menos que houvesse uma presença ao longo prazo, ela não mudaria a situação porque as coisas voltam a ser o que eram antes. Nessas zonas interditas (embora eu não goste de chamá-las assim), significa que o sistema básico dentro dessas zonas está controlado, não pelo estado ou pela

polícia, senão pelos criminais que ocuparam a zona por acaso. Então, temos um ponto de partida realmente difícil quando se trata deste tipo de situação.

Acredito que os oficiais de polícia aqui presentes que trabalham nesse campo sabem qual é a situação. Frequentemente, eles estão lutando por uma batalha perdida. No mundo há boa vontade para fazer alguma coisa, porém isto significa que inclusive a capacitação da polícia deve ser orientada de uma maneira diferente para lidar com este tipo de problema. E, por isso, eu recomendo enfaticamente que este programa PRONASCI seja estudado cuidadosamente por todos, e espero que seja levado à prática.

Os problemas surgem na comunidade internacional, onde ainda ouvimos termos como “Tolerância Zero”. Nós ainda temos estas expressões que, na verdade, não significam nada, mas que realmente afetam na maneira da comunidade internacional lidar com as recomendações e resoluções da Assembléia Geral das Nações Unidas. E eu acho que é uma pena porque, na verdade, a maioria dos países membros não recebe ajuda para o que estão tentando fazer através da comunidade internacional. Inclusive as convenções das Nações Unidas, e especialmente o Conselho Internacional de Controle de Narcóticos, expressou que, no seu ponto de vista, a repressão e lidar com o tráfico ilícito é problema “nosso”, mas a redução da demanda é problema “vosso”. Naturalmente, eles passam a responsabilidade dos problemas mais sérios para as pessoas de seus próprios territórios e países.

Finalmente, há muitos bons indícios de que, até certo ponto, a situação está sendo resolvida.